



SOCIEDADE EDUCACIONAL VERDE NORTE S/C Ltda
FACULDADE VERDE NORTE - FAVENORTE
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Mato Verde-MG
Julho/2018

CAMILA ANTUNES JORGE

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade Verde Norte - FAVENORTE,
como exigência para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Prof^a. Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão

Mato Verde-MG
Julho/2018

CAMILA ANTUNES JORGE

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade Verde Norte - FAVENORTE, como exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: **Prof^ª.Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão**

Membros:

Prof. Ms. Nebson Escolástico da Paixão

Prof^ª. Esp. Wesley Mesquita

Prof^ª. Esp. Claudia de Freitas Souza
Coordenadora do Curso de Pedagogia

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui é uma vitória mais que especial, finalizar a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso é um prazer inexplicável. Porém sozinha eu não chegaria até aqui, por isso agradeço primeiramente a Deus, que me deu saúde, forças e coragem para persistir durante esses três anos e meio.

Depois agradeço a Faculdade Verde Norte e todos os professores, assim como também a todas as minhas colegas que hoje concluem um de seus sonhos juntamente comigo pelo suporte, mas não posso esquecer-me de aqui citar aquelas que seguiram outros caminhos no decorrer do curso, afinal todos tiveram papel importante na bagagem que levo comigo.

Agradeço ao meu orientador do projeto de pesquisa o especialista Wesley Mesquita e a minha atual orientadora mestre Leonice Vieira de Jesus Paixão pelo aprendizado adquirido, por não terem desistido de mim e acima de tudo por acreditarem em mim e sempre me incentivarem.

Um dos agradecimentos mais especiais é dedicado a aqueles aos quais não tenho palavras para descrever a importância destes em minha vida. Aos meus pais Osmar e Lourdes, aos meus irmãos Marcelo e Mário Felipe, ao meu namorado André Filipe, aos meus tios, meus avós e meus amigos pelo afeto, paciência e pelo apoio incondicional quando eu já não tinha mais forças para continuar, tudo o que fizeram foram de grande importância para minha persistência.

Aos que não mencionei, mas que tiveram papel importante na minha caminhada até aqui deixo os meus mais sinceros agradecimentos, com toda certeza todos tiveram papéis determinantes nesta etapa da minha vida.

Agradeço muito a cada um de vocês!

RESUMO

O presente trabalho monográfico intitulado “A violência no contexto escolar”. A escolha do tema se deu pelo motivo de durante os meus estudos na Educação Básica, me deparar com diversas situações de violência no ambiente escolar. Dessa maneira a pesquisa se faz justificável pelo fato de buscar soluções para tais inquietações. Teve como objetivo averiguar quais são os motivos de vários professores viverem ou presenciarem a violência escolar durante toda a sua vida docente e avaliar as conseqüências geradas por essa violência tão crescente nos dias de hoje e ainda averiguar os prováveis problemas psicológicos desenvolvidos principalmente em quem sempre esta dentro das salas de aula. Os sujeitos desta pesquisa foram 07 (sete) professores dos anos finais do Ensino Fundamental atuantes na Escola Estadual Tancredo Neves. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista com dez questões. A pesquisa teve uma abordagem de cunho qualitativo. A fundamentação teórica se baseia em autores que discutem esta temática, dentre eles se destacam: CARVALHO (2014), VASCONCELLOS (1997 e 2000), CHAMUSCA CHAGAS (2013) dentre outros. A pesquisa desenvolveu em três momentos, sendo o primeiro um estudo bibliográfico, o segundo a aplicação da entrevistas aos professores e o terceiro momento onde foi feita a análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo. Acreditamos que a pesquisa comprova o crescente índice de violência no contexto escolar e a mesma poderá contribuir na intenção de entender quais os propulsores dessa realidade e o que os professores tem feito para transforma-la.

Palavras chave: Violência , realidade , escola, professor/aluno.

ABSTRACT

The present monographic work entitled "Violence in the school context". The choice of theme was due to the reason that during my studies in Basic Education, I came across various situations of violence in the school environment. In this way the research becomes justifiable by the fact of seeking solutions for such concerns. The purpose of this study was to investigate the reasons for various teachers living or witnessing school violence throughout their teaching life and to assess the consequences of this growing violence today and to investigate the probable psychological problems developed mainly in those who are always inside the classrooms. The subjects of this research were 07 (seven) professors of the final years of Elementary Education acting in the Tancredo Neves State School. For data collection, an interview with ten questions was used. The research had a qualitative approach. The theoretical basis is based on authors who discuss this subject, among them are: CARVALHO (2014), VASCONCELLOS (1997 and 2000), CHAMUSCA CHAGAS (2013), among others. The research developed in three moments, the first being a bibliographical study, the second the application of the interviews to the teachers and the third moment where the analysis of the data collected during the field research was done. We believe that the research proves the increasing rate of violence in the school context and it may contribute to the intention of understanding the drivers of this reality and what teachers have done to transform it.

Keywords: Violence, reality, school, teacher / student.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	08
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO II.....	11
2.1 Violência Escolar.....	11
2.2 Problemas Psíquicos causados por violência.....	16
2.3 A violência no interior das escolas.....	18
2.4 A violência contra os professores.....	21
2.6 Os reflexos da violência.....	29
2.7 A influência da Família.....	30
CAPÍTULO III.....	34
3.1 Percurso Metodológico	34
3.2 Universo da pesquisa/População	34
3.2.1 Caracterização do local da pesquisa	35
3.3 Sujeitos da pesquisa/Informantes da pesquisa	35
3.4 Análise dos dados	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46
APENDICES	49

CAPÍTULO I

Apresentamos neste capítulo na introdução, o que motivou a realização, seus objetivos e a organização do trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Tendo como base os problemas psíquicos desenvolvidos por alguns alunos e professores no decorrer da vida escolar, é necessário observar de perto o que afligi, tanto, o docente como o discente, afinal encontram se em um período no qual não se sabe ao certo de onde surge essa violência. Segundo Aguiar (2014) a violência, o mal-estar e o sofrimento permeiam o ambiente escolar nos dias de hoje, afastando cada vez mais o prazer que pode acontecer no ato de ensinar e de aprender, uma vez que os confrontos e embates diários entre os atores do cenário escolar empobrecem as relações e os laços ali estabelecidos.

De acordo com o estudo de Fatel (2016) é de suma importância a existência de uma boa relação entre professor e aluno, pois desde que a criança nasce já se faz necessário que exista a família próxima deste para seu desenvolvimento. Mas para isso é preciso que ele faça uso da emoção para demonstrar o que quer, pois o mesmo ainda não sabe falar. E isso continua sendo preciso de acordo a criança vai crescendo, pois para que ela aprenda é importante que tenha alguém para lhe indicar o melhor caminho e também servir como exemplo. Não basta falar de longe, é preciso um maior contato entre pessoas para alcançar um bom desenvolvimento. Assim acontece dentro de uma escola, é preciso que exista sentimento para desenvolver o aprender e o ensinar. Pois não só a criança precisa desse contato, mas sim todo ser humano.

É preciso desenvolver um estudo da criança para compreender o que esta acontecendo e para Wallon, isso exige o estudo do meio no qual ela se desenvolve. As condições do meio, segundo o autor, vão determinar a realização do potencial herdado geneticamente. Fatores de ordem social determinam o quanto se desenvolverá fatores de ordem biológica, como, por exemplo, capacidade de aprendizagem (OLIVEIRA,2016). Ou seja, o meio em que a criança vive também irá determinar seu comportamento dentro da sala de aula, existem diversos fatores que constituirão a personalidade e a ação de um aluno, para desenvolver um conhecimento acerca deste, é preciso observar de perto o que se passa em sua vida. Talvez seu ato violência seja reflexo de algo que

ele esteja vivenciando no seu dia-a-dia e não saiba como resolver. Pois diariamente são expostos na mídia noticiários relatando casos de professores agredidos por alunos, alunos que se dizem mal tratados por professores, enfim uma série de conflitos que surgem no ambiente escolar possivelmente pela falta da afetividade, pois de acordo com Sarnoski (2014, p 130-131) apud Pino (1997):

os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.

Sendo assim é preciso que haja uma conquista entre quem ensina e quem aprende, mesmo que não exista um grande vínculo é necessário ao menos um bom relacionamento. Castro (2012, p. 27) destaca que

a afetividade diz respeito a ações e reações internas, que interferem no externo. É por meio dos sentimentos (que são dirigidos para o interior e são privados) que as emoções (que são dirigidas para o exterior e são públicas) iniciam o seu impacto na mente.

Mas para que aconteça essa confiança entre professor e aluno, algumas emoções são explicitamente favoráveis à aprendizagem (experiências de conforto, divertimento, prazer, bom humor, curiosidade, estados de aceitação e ambição etc.), enquanto outras lhe são desfavoráveis (medo, exasperação, falta de autoconfiança, resignação etc.) AGUIAR 2014 apud (NEVES; CARVALHO, 2006). Sendo o que tem maior responsabilidade de criar esses momentos favoráveis, o professor que já possui uma formação para isso e também a família que tem o poder de estimular o aluno a aceitar o professor e também de fazê-lo repudiar o docente.

Contudo o determinante primário do desempenho escolar é o componente afetivo (emoções, atitudes, interesses/motivações), ainda que tradicionalmente as crianças com dificuldades de aprendizagem sejam avaliadas em termos cognitivos (raciocínio, memória, percepção, linguagem etc.) (Oliveira, 2017 apud ENUMO; FERRÃO; RIBEIRO, 2006). Isto é, muitas das vezes o aluno não possui um ambiente acolhedor dentro da escola ou mesmo fora dela e isso pode não ser levado em consideração durante um diagnóstico das causas da dificuldade de um aluno, taxando esse discente como um problema ou até mesmo alguém que precisa tomar

medicamentos para se desenvolver. Quando na verdade sua única necessidade é de um pouco de conquista e confiança.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de entender as causas da violência que cresce cada vez mais dentro das escolas, procurando entender como o professor pode fazer para lidar com essa situação. As consequências causadas tanto na vida do aluno quanto do professor pela falta de proximidade e confiança criadas entre ambos, muitas vezes por atos violentos. Além de problemas psicológicos desenvolvidos principalmente em quem sempre esta dentro das salas de aula, ou seja, aluno e professores que por diversos fatores, sendo um dos maiores a violência, desenvolvem depressão, desmotivação, falta de vontade por parte do aluno em aprender mesmo que o professor faça o uso de metodologias diferenciadas. A crescente desvalorização do profissional da educação que no passado era uma das pessoas mais respeitadas pela sociedade e que agora no século XXI se tornou um alguém menosprezado, com baixa remuneração, baixo nível de apoio dos pais, aumento nas cobranças, fora o fato de ter que assumir o papel de família na vida do aluno, pelo motivo desta estar ocupada demais com outras coisas e deixar toda a educação por parte da comunidade escolar. E desistência da educação por parte de pessoas que poderiam ser excelentes profissionais do ambiente escolar.

A pesquisa foi organizada em 03 capítulos, no primeiro procuramos apresentar a pesquisa, no segundo buscamos no referencial teórico autores que discutem esta temática, no terceiro apresentamos a pesquisa realizada e a análise das falas dos sujeitos, por fim apresentamos as considerações finais da pesquisa.

CAPITULO II

Neste capítulo abordaremos a violência no contexto escolar, enfocando os fatores propulsores desta violência e o papel da família e da escolar na busca de amenizar este problema.

2.1 Violência Escolar

A violência é crescente, não somente dentro das escolas, mas também em qualquer lugar fora dela. As pessoas, muitas vezes, não se enxergam mais como família, amigos, vizinhos ou conhecidos, sendo que algumas vezes, são vistas como rivais que tentam se afastar. Rompendo com as regras básicas de convivência e de respeito. Tudo é resolvido por meio da violência, seja ela verbal ou física. E a escola muitas vezes, tem assumido a culpa por tais acontecimentos, pois na visão da sociedade é lá que as crianças e jovens passam a maior parte do seu tempo e é na escola que ocorre a socialização e o processo de aprendizagem. E segundo Silva (2015) apud Santos (2009, p. 45):

o reconhecimento da violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais mundiais parece ser um caminho interpretativo fecundo desse fenômeno social caracterizado como um enclausuramento do gesto e da palavra. Esta nova questão social mundial, configurada por manifestações de violência contra a pessoa, roubos, furtos e depredações, até mesmo por assassinatos, que se repetem em um conjunto de sociedades nos últimos dez anos, vem evidenciando que estamos em face de uma conflitualidade que coloca em risco a função da escola na socialização das novas gerações: o que se percebe é a instituição escolar enquanto um lócus de explosão de conflitos sociais [...].

Porem é sabido que o ser humano tem desde o princípio como instinto, a prática da violência quando algo não lhe agrada ou não lhe convém. Pois já existe dentro dele e mais fortemente em alguns, a raiva que pode ser despertada a qualquer momento de contrariedade de suas vontades. Sabendo disso, a sociedade criou uma cultura e uma vida social baseada em regras, com o propósito de conter esse impulso natural para que este não se transforme em algo ainda mais forte. MARTINS & ALMARO (2012, p. 19) abordam a agressividade sendo constituída de um elemento integrante no ser humano, “no entanto, a cultura, a vida social são fatores importantes como reguladoras dos impulsos destrutivos”.

Entretanto essa cultura vem sendo quebrada com o decorrer dos anos, e dentro das escolas o índice de violência tem crescido bastante, sendo considerada por Costa (2014, p. 16), que a mídia e principalmente a televisão como propulsores ao uso da violência como meio para resolver problemas e pequenos desentendimentos, pois as mesmas manipulam a mente das pessoas a agirem, pelo fato de retratarem situações parecidas com as da vida real, sendo resolvidas com agressão, e quando as pessoas se dão conta já praticaram a mesma iniciativa e não podem mais voltar atrás. Pois na ficção tudo termina bem, porém na realidade nem sempre é assim. E quando o agressor perceber que ele causou algo que não queria, já pode ser tarde demais. Pois de acordo com REDONDO, PIMENTEL & CORREIA (2012, p.34) “a violência implica sempre intencionalidade embora o uso intencional da força ou do poder não traduz necessariamente a intenção de provocar danos. No entanto, e contrariamente ao comportamento agressivo, o comportamento violento não tem a intenção de fazer mal à outra pessoa”.

Entrando aí o papel da escola em conscientizar a criança e o adolescente sobre o que é ficção e o que é realidade, para que o aluno saiba distinguir o que acontece e o que é apenas uma trama, não podendo assim, ter ligação com o real além de poder encontrar maneiras de perceber sinais desses acontecimentos. Pois os professores desempenham um papel fundamental para a gestão e prevenção de conflitos entre alunos. É importante que estes saibam identificar os sinais de agressão/ vitimação de forma a arranjar estratégias para solucionar estes conflitos, bem como relatar as ocorrências à restante comunidade escolar (SILVA, OLIVEIRA & BAZON, 2014).

Pois no Brasil, é gritante a intensificação da violência dentro das escolas e nas suas imediações, ocorrendo muitas vezes a presença de armas, gangues e tráfico de drogas no interior das escolas. Isso tem aumentado muito nos últimos anos e os meios de comunicação tem colaborado de forma indireta na intensificação deste processo. Algumas pesquisas fazem investigações sob a ótica da mídia, mostram que a mesma não representa a realidade concreta das escolas brasileiras, fatos isolados recebem uma repercussão muito maior, causando uma comoção criando assim e criando um forte clima de medo e insegurança na população em relação às escolas públicas e seus alunos. Podemos perceber, pelo discurso proferido pelos agentes sociais nas ruas e em outros espaços sociais, que a mídia contribui significativamente para reforçar no imaginário social a ideia de uma escola pública ineficaz na formação das novas gerações, colocando essas escolas e seus alunos à margem da sociedade. Da mesma forma,

reforçam a concepção de que a violência na escola está relacionada à pobreza e aos bairros de periferia considerados violentos, acobertando a violência existente nos espaços particulares. Entretanto, pesquisas científicas têm evidenciado que a violência é um fator vem acontecendo, e este está além das condições sociais e do tipo de escola: pública ou privada. (Silva, 2015).

E para que o professor juntamente com o grupo escolar consiga comprovar essa realidade, para que seus alunos compreendam e possam repassar para os que estão fora dos muros da escola, que os mesmos não são os únicos propulsores da violência, é necessário que aconteça uma boa relação professor- aluno, pois a eficácia do ensino aprendizagem se dá por meio da concretização dessas relações e esta é intermediada pela afetividade, este fator tem papel importante no desenvolvimento desta relação e na construção de um cidadão mais consciente. A teoria Walloniana oferece subsídios para a compreensão desta dimensão afetiva no processo ensino-aprendizagem ao estabelecer uma fecunda relação entre Educação e Psicologia (OLIVEIRA, 2017).

Uma diferença que existe entre família e escola e que é essencial no conhecer o aluno consiste na percepção que têm do jovem, o que pode influir sobre o modo de intervenção em questões a ele relacionadas. Um estudo ilustrativo foi feito sobre a percepção das dificuldades de relacionamento experienciadas pelos jovens, como por exemplo, a vitimização causada em grande parte pela timidez e ansiedade social (TU &ERATH, 2013), o estudo demonstrou que, os jovens que possuem uma família mais presente, possui uma estabilidade maior e um melhor resultado.

No processo ensino-aprendizagem o professor como elemento mais importante no desenvolvimento da relação afetiva, este tem portanto a incumbência de construir este laço estabelecendo metas claras, objetivas e realistas, levando em consideração o conhecimento prévio do aluno, em uma relação de respeito, neste processo aos poucos, o aluno irá perceber as vantagens de realizar atividades desafiadoras tendo a mediação do seu professor. O aluno precisa sentir vontade de aprender, e o professor é quem pode despertar essa vontade no aluno, a afetividade na educação constitui um importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde as séries iniciais, uma vez que, por meio dela podemos compreender a razão do comportamento humano, pois, a afetividade é uma grande aliada da aprendizagem (SARNOSK, 2014).

Neste processo a família não pode deixar a escola sozinha, pois ela é a primeira a ter de trabalhar a afetividade e dar base para que a criança e o jovem tenham consciência dos danos causados por ações violentas. Pois se na escola a criança ouve

que a violência não é o melhor caminho e em casa ela presencia o contrário, conseqüentemente ela irá seguir o exemplo de casa, ou seja, torna-se essencial que a família tenha uma atenção especial com necessidades das crianças e dos jovens, oferecendo um apoio socioemocional, revertendo esse apoio “em práticas de cuidado e educação dos filhos, bem como uma ligação mais próxima e positiva dos recursos escolares por parte das famílias e dos jovens” (ALMEIDA & FERNANDÉZ, 2014, p.55).

Para Elias (2012) a relação familiar é um processo construído socialmente, que está sempre passando por transformações. A modernidade trouxe mudanças para a organização das relações familiares e para a constituição dos sujeitos, que cada vez mais se tornaram mais individualizados e autônomos. Mas mesmo com essas transformações ocorridas no decorrer dos tempos, ainda é necessário que a família seja à base do futuro de toda uma sociedade.

Afinal os sentimentos de intolerância mostram-se presentes nos cotidianos escolares, sendo observado no dia a dia de educadores e alunos, em diversos níveis e modalidades de ensino, do ensino básico ao universitário e do público ao privado. Também está plenamente noticiado que a violência escolar constitui importante fator, que contemporaneamente, acomete principalmente professores, levando-os ao abandono da carreira docente acometidos de distúrbios psicossomáticos e familiares. Ou seja, todos os envolvidos da comunidade escolar estão expostos à possibilidade de sofrer uma dessas conseqüências.

Mas para que tudo isso não ocorra é importante que haja um significado mais específico do que realmente venha ser violência escolar. A palavra violência possui uma definição tão ampla que se torna difícil de ser trabalhada, pois a mesma depende do estabelecimento escolar e dos sujeitos envolvidos.

Estes distúrbios oriundos das relações no interior das escolas tomou crescente dimensão nos dias atuais. Apesar das várias causas desse crescente problema a respeito da violência na escola, recentemente tem sido aprofundados estudos sobre esta temática, que está muito além dos muros das escolas. Infelizmente o reflexo propagado para o exterior da escola traz somente a visão de indisciplina, desordem, rivalidade, tornando um espaço que antes era tido como seguro em algo que transmite medo e sofrimento, deixando de lado os sujeitos envolvidos e que são as vítimas deste contexto. Sobre este processo Wagner (2012, p. 09), discorre destacando que:

as discussões sobre agressividade enunciaram-se desde o princípio no discernimento freudiano. Assim, na “Psicoterapia da histeria” (1895), essa problemática se enunciará, pelo viés da questão da resistência (Freud, 1971), no registro estritamente clínico. Porém, nas experiências analíticas de Dora (Freud, 1971c [1905]) e do pequeno Hans (Freud, 1971 [1909]), a agressividade foi inscrita no registro do sintoma, sendo responsável pela produção e pela reprodução desse.

Como vimos a violência no espaço escolar não é, essencial e historicamente, um fenômeno novo. O que tem de novo são as formas assumidas pelo mesmo, caracterizadas, sobretudo, pela gravidade e frequência com que ocorrem. São, portanto, manifestações que adquirem novas roupagens, causando forte angústia social face à violência no espaço escolar. Essa sensibilidade a novas formas assumidas pela violência em espaço escolar está correlacionada à percepção que desenvolvemos acerca do fenômeno violência, tendo em vista os mecanismos de controle, normas e regras estabelecidas por uma dada sociedade e em um determinado tempo histórico violência na sociedade contemporânea, de modo geral, “muda de fisionomia e de escala porque é o produto de sociedades nas quais também mudaram a administração de todos os aspectos da vida social, com a tecnologia e os meios de comunicação de massa” (SILVA, 2015).

A violência não pode ser analisada isoladamente, mas fazendo parte de um contexto mais amplo, no qual a desigualdade social está presente como problema principal, diante de todas as suas implicações negativas, dentro desta sociedade desigual de exclusão, no entanto, “não se pode reduzir tudo à educação, mas fica fora de dúvida o valor das suas contribuições, inclusive para combater a pobreza, questão de base, intimamente associada à exclusão” (CARVALHO, 2014).

A violência na escola pode provocar consequências diversas ao desenvolvimento saudável dos adolescentes, tanto vítimas quanto agressores. “Estar exposto a situações de agressividade pode causar prejuízos ao desenvolvimento escolar, pessoal e social do adolescente” (BENETTI, SCHWARTZ, SOARES, MACARENA, & PATUSSI, 2014).

Esta é uma preocupação social crescente que tem assumido um caráter sistemático e que provoca efeitos no desenvolvimento das vítimas e nos agressores. Autores têm sugerido que para uma maior compreensão do fenômeno e para que sejam propostas ações de enfrentamento à violência no âmbito da escola é importante que se estude a concepção que os atores escolares (alunos e professores) têm acerca da violência escolar (GIORDANI, 2015).

Surgem, assim, duas iniciativas advindas do Poder Público com objetivo de diminuir a violência escolar. Uma delas, em âmbito estadual, tornou obrigatória, por decreto do poder executivo, a abertura das escolas nos fins de semana para uso da população em atividades de lazer, cultura e esporte (LIBARDI, CASTRO, 2014). Ficando a população da comunidade local prejudicada com isso.

2.2 Problemas Psíquicos causados por violência

A violência é uma questão social e se torna um tema mais ligado à saúde por estar associada à qualidade de vida; pelas lesões físicas, psíquicas e morais que acarreta e pelas exigências de atenção e cuidados dos serviços médico-hospitalares. Nessa perspectiva, a violência é, atualmente, um dos maiores desafios impostos às autoridades de saúde pública em todo o planeta, pois aflige a população sob diversas formas e em diferentes cenários, perpassando as várias fases da vida e se instaurando nas mais variadas relações humanas (GARBIN, 2015).

Decorrente disso é importante que as autoridades estejam realmente cientes do que está acontecendo no interior das escolas e que também encontrem maneiras de intervir, pois as consequências recaem sobre os funcionários da escola, como em qualquer um dos envolvidos na educação que venham passar por algum tipo de violência. Como é o caso de milhares de pessoas que são ameaçadas ou até mesmo violentadas fisicamente e não sendo tomadas nenhuma providencia. Não ocorrendo nenhum registro do ocorrido, nem sendo feito boletim de ocorrência para denunciar o agressor, e com isso a tendência é que cada vez mais o agressor ganhe espaço e a vítima se reprima mais e mais. Braga e Dell’Aglío (2012) concluíram que, a violência na adolescência se constitui em grave problema de saúde pública, que pode ser observado em todos os contextos de inserção. Notando que em grande parte das pessoas que sofrem algum tipo de violência, que levam para o resto de suas vidas, talvez ate escondidas.

Diante disso surgem as necessidades da existência de um profissional da psicologia próximo à realidade das escolas. A psicologia escolar surge com o objetivo de ressaltar a importância de o psicólogo atuar mais próximo da escola e de se referir a esse contexto específico (CHAMUSCA CHAGAS, 2013).

Afinal é sabido que dentro das escolas ocorrem diariamente insultos, intimidações, apelidos maldosos, gozações que magoam profundamente, acusações

injustas, atuação de grupos que prejudicam, ridicularizam e infernizam a vida de alunos levando-os à exclusão; além de danos físicos, morais e materiais que podem advir dessas agressões (SILVA, NEGREIROS 2013).

E quando se tem a presença de um profissional apto a lidar com esse tipo de problemas próximo a escola, é mais fácil de resolver e também existe um menor risco do diagnóstico de uma doença psíquica com esses alunos. Pois existem diversos fatores que podem levar ao surgimento de transtornos. Vários são os trabalhos de psicologia escolar que se iniciam com uma crítica ao chamado modelo clínico de atuação. Essas críticas baseiam-se no entendimento de que essa atuação foca-se nos problemas escolares como resultados de patologias presentes nos alunos, diagnosticadas por testes e tratadas por psicoterapia. É uma concepção de atuação reducionista que localiza nas diferenças entre os indivíduos as razões do seu insucesso.

Estudos feitos na década de 80, como o de Andaló (1984), mostram que essa atuação fundamenta-se na lógica, saúde versus doença, para avaliar os problemas psíquicos, escondendo as possíveis influências dos aspectos pedagógicos ou das relações constituídas no contexto escolar que influenciam esse processo. Dessa forma, baseia-se na culpabilização, desconsiderando toda complexidade do sistema educacional, que envolve fatores múltiplos que vão além dos psicológicos. Pois é sabido que a violência muitas das vezes não surge apenas por meio da ação de alunos. E que também há existência de associações entre distúrbios de comportamento e dificuldades de aprendizagem. Problemas de comportamento têm sido apontados como fator de risco preponderante para o baixo desempenho acadêmico. Assim, as intervenções com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem precisam considerar também aspectos ligados ao comportamento delas ou seja, existe todo um contexto que deve ser levado em consideração antes de fazer um laudo ou constatação dos problemas desencadeados e suas causas reais. Sendo possível que esse aluno violento possa estar com algum problema ou distúrbio (SANTOS; GRAMINHA, 2006 apud OLIVEIRA 2017).

Freud inicia o modelo psicanalítico com a descoberta do inconsciente. Em “Além do Princípio do Prazer”, o autor refere que os processos mentais estão regulados pelo princípio do prazer, ou seja, o indivíduo não age somente por este princípio devido às dificuldades do mundo externo e dos instintos de autopreservação do ego (FREUD, 1920, *cit. in* QUEIROZ & TÉRZIS, 2012).

Nesse aspecto, em relação à Teoria Sócio--Histórica, Vygotsky, Carvalho e Matos (2009, p. 165) relatam que “ao nascer, o homem herda características genotípicas da sua espécie e dos seus familiares, que constituem possibilidades a ser desenvolvidas no convívio social”; ou seja, os acontecimentos aqui vividos podem ser construídos a partir da convivência com o outro, marcando a construção da subjetividade humana.

Nesse aspecto Matos (2012, p. 23) esclarece que “a cultura de paz é um conjunto de princípios, atitudes, costumes, modos de comportamento e estilos de vida que se assentam”. Esse conceito atribui a toda uma ramificação que deve ser ensinada desde cedo para que, assim, sejam internalizados todos os ensinamentos necessários para se conviver. O que se pode levar em consideração aqui é o que já foi dito anteriormente, que a família é parte importante e essencial no desenvolvimento de um aluno e em suas ações praticadas dentro de uma escola.

2.3 A violência no interior das escolas

Notamos também uma tendência de se considerar a adolescência como uma delicada transição pela qual a criança passa, e devido às diversas transformações psíquicas, biológicas e sociais que o sujeito atravessa nesse momento a necessidade de um acompanhamento e um cuidado mais próximo. Porque seu título de infante lhe é retirado para que possa receber o de adulto, no entanto, o caminho que se trilha entre esses lugares, em nossa cultura, não pode ser previsto nem calculado. “É preciso amparo e ajuda para que tal estágio não se torne um período de errância subjetiva e social” (BENHAIM, 2008apud PEREIRA ET AL., 2012).

Pois é muito comum que durante qualquer período da vida, mas principalmente nesse período de transformação, o aluno sofra o bullying que não é um problema isolado, pois envolve toda a sociedade, constituindo um problema mundial, que pode ocorrer em qualquer lugar, mas que se torna mais evidente no ambiente educacional. Em faculdades e universidades também são muito comuns os famosos trotes que, muitas vezes, podem gerar violências mais graves, ocasionando traumas psicológicos, agressões físicas e até mesmo a morte (SILVA, NEGREIROS, 2013). Ainda sobre o bullying, Loes (2012, p. 60) destaca que este fenômeno venha a

a ser um caso muito complicado de se lidar e comum de acontecer tanto no interior escolar como em seu exterior. Em casos extremos, o bullying é enquadrado como crime de injúria ou de lesão corporal. Como as penas para

esses crimes são inferiores a quatro anos, elas costumam ser convertidas em pagamento de cestas básicas ou liberdade assistida. Na prática, porém, poucos casos resultam em punição. A maioria costuma ser resolvida com um pedido de desculpas formal ou advertência. Três projetos de lei apresentados pelos deputados federais Fábio Faria (PMN-RN), Junji Abe (DEM-SP) e Arthur Lira (PP-AL), foram unificados sob o PL 1011/2011. Ele tipifica o bullying como crime contra a honra, com pena prevista de um mês a três anos de detenção, além de multa. Atualmente, o PL aguarda parecer da Comissão ao Crime Organizado para seguir para o plenário.

O mal realizado pelo praticante do bullying contra outra pessoa, seja na escola ou pela internet, pode ser prejudicial e se não detectado a tempo, causa danos na intimidade do atingido. Caso não seja devidamente constatado e tratado, tais danos podem, também, afetar familiares e pessoas próximas. O bullying, para quem pratica, pode parecer brincadeira, mas, em si, só prejudica. Apesar de existir a séculos, somente com o avanço dos noticiários na mídia e da tecnologia tem se falado abertamente sobre o mesmo (BRANDÃO, MATIAZI, 2017).

Nessa ótica, Fante (2005, p. 91) afirma que

[...] para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento.

Quanto às vítimas agressoras, são crianças/jovens que ora sofrem, ora praticam atos de bullying. Trata-se, portanto, de crianças/jovens que sofreram violência e procuram alguém mais vulnerável que elas para transferir as agressões vividas. As testemunhas são crianças/jovens que não estão diretamente envolvidos no bullying.

De acordo com Neto (2005) estes indivíduos mantêm o silêncio com medo de serem a “próxima vítima” e não sabem como agir perante as situações de violência, contudo, sentem empatia para com as vítimas e condenam os comportamentos dos agressores desejando que os professores intervenham efetivamente. Este autor refere ainda a forma como as testemunhas reagem ao bullying classificando-as como “auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o agressor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem a vítima ou chamam um adulto para interromper a agressão)”. Notando que existem momentos que são mais propícios para a prática do bullying. Sobre este tipo de violência Guimarães (2015, p. 6)

neste âmbito, os estudos evidenciam os recreios como sendo os locais onde é mais frequente a prática de bullying, comparativamente a outros locais como as salas de aula, os corredores, as cantinas, etc

A vitimização na escola está ligada ao aumento de índices de danos à saúde, cognitivos, psicossociais e mentais, incluindo depressão e suicídio, sendo que adolescentes vítimas ou agressores podem apresentar cerca de cinco vezes mais chances de ter sintomas depressivos do que os outros estudantes (FORLIM, STELKO-PEREIRA, & WILLIAMS, 2014, p. 8).

Dentre os problemas causados na vida desses alunos que são vitimados, com as agressões físicas e verbais, pode ainda ocorrer o aparecimento de outros transtornos, como estresse e ansiedade, visto que existe um estudo, realizado com 60 alunos, entre 8 e 14 anos, que cursavam a 3ª e a 4ª série do Ensino Fundamental em escola pública de Vitória – ES, que avaliou as crianças em termos de desempenho acadêmico e de condições emocionais e de saúde. Estabeleceram-se correlações entre desempenho acadêmico positivo e boas condições físicas\de saúde, incluindo baixo índice de estresse; ao passo que crianças com mais sintomas de estresse e ansiedade e condições físicas debilitadas costumeiramente apresentaram desempenho escolar menor (OLIVEIRA, 2017,p.7).

A depressão ou a presença de alguma psicopatologia materna foi, significativamente, relacionada com comportamentos de bullying escolar (Eidenet al., 2010; Georgiou, 2008). A experiência de estudantes com mães com problemas de saúde mental resulta no estabelecimento de relacionamentos primários pouco seguros e não permite que se estabeleçam, no contexto social amplo, relações de proteção diante das adversidades ou, ainda, de tolerância à diversidade. (OLIVEIRA, SILVA, SILVA, 2015).

Podendo ser esses os alunos responsáveis pela violência praticada contra o patrimônio ou contra pessoas nas escolas, as quais são muitas das vezes denunciadas, entretanto muitas vezes essas denúncias não são apuradas, e ou coibidas, levando a descrença das vítimas que chegam a pensar em impunidade. Isto é do que adianta fazerem as denúncias se nem sempre elas são registradas e menos ainda atendidas. Os únicos a ganhar com isso são os agressores, que por não receberem punição, se sentem donos do mundo e maiores do que todos, podendo praticar ainda mais esses atos.

2.4 A violência contra os professores

Como podemos observar houve um crescimento da violência e também o número de vítimas, e os professores não ficam de fora deste fenômeno. Há, atualmente, um grande número de professores que se queixam de sua profissão. Eles tendem a ser avaliados, diagnosticados e desviados de função e/ou afastados. O número de casos de educadores atingidos pelo dito mal-estar docente chama a atenção, pesquisa realizada por aponta que 381 outros profissionais investigam este fenômeno, dentre eles, os que tomam a psicanálise como fundamentação teórico-empírica. Em geral, os trabalhos investigam as possibilidades da devolução ou oferta da palavra ao professor através da escuta ou da escuta ampliada de seus sofrimentos psíquicos. Sobre a fala e a escuta do professor SCHONARDIE, 2000, apud PEREIRA et al., 2012, destaca que na medida em que o professor fala acerca do mal-estar, sua própria fala conduz sua ação em outra direção, tomando para si a responsabilidade por seus atos educativos”. Aumentando os diagnósticos de professores, que deixam sua profissão pelo fato de cansarem de serem mal tratados e ofendidos, ou mesmo por não conseguirem aceitar e conviver com essa realidade cada vez mais gritante, podendo vir a desenvolver até mesmo um problema psíquico pelo fato de possivelmente se sentir inútil ou incapaz de lidar com tais situações.

De fato, a violência pode trazer consequências físicas, psíquicas e sociais. Dentre as principais consequências da violência, estão aquelas relativas à saúde mental, entendida como um completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doenças. Está relacionada com a promoção do bem-estar, a prevenção dos transtornos mentais, tratamento e reabilitação de pessoas afetadas por transtornos mentais (PATIAS, DELL’AGLIO, SILVA, 2016).

Assim, tanto as violências simbólicas e psicológicas contra os alunos devem ser focalizadas no contexto da violência escolar, mas também a vitimização dos professores neste ambiente tanto direta quanto indiretamente, sendo estes muitas das vezes responsabilizados por tais acontecimentos, quando na verdade são apenas vítimas do mesmo (SOUZA, 2012; ROCHA et al., 2013).

Dentre os sintomas internalizantes, grande parte das pesquisas tem focado sua atenção nos sintomas depressivos, pois a depressão tem sido considerada um problema de saúde pública, com significativos custos sociais e econômicos (BOWES et al., 2015)

Afinal é sabido que existem inúmeros casos espalhados pelo mundo de pessoas que sofrem com a depressão que é considerada também um problema psíquico. E que

por não saberem lidar com tal situação, ou chegarem a um ponto de isolamento e repressão de si próprios, acabam por tentar ou cometer o suicídio. (BRASIL, 2015).

2.5 Como a escola vêm lidando com a violência

Diariamente pode se ouvir que a chamada segunda casa do aluno tem se tornado cada vez mais perigosa e assustadora. Isso porque a cada três situações de violência que ocorrem no contexto extrafamiliar, duas tenham ocorrido dentro do espaço escolar. Estes dados indicam que a escola, local idealmente de proteção de crianças e adolescentes, tem se transformado em lócus de violação dos direitos das mesmas (ABRAMOVAY, 2002; FONSECA, SENA, SANTOS, DIAS, & COSTA, 2013).

Isto tem causado não só a violência silenciosa, mas também problemas psicológicos que afetam o desenvolvimento até mesmo social do cidadão. Pois como já foi dito anteriormente, muitos dos lugares criados no intuito de proteger esta população, como as instituições escolares, acabam sendo também espaços de violação de seus direitos, o que afeta negativamente o estado psicológico e social destes sujeitos (FONSECA, SENA, SANTOS, DIAS, & COSTA, 2013).

Mas será que as escolas atuais estão preparadas para lidar com esse tipo de situação, que é cada vez mais comum de se acontecer dentro de uma escola? Pois para conseguir lidar com tais acontecimentos é preciso que haja uma preparação desde a Universidade, afinal para o devido enfrentamento à violência escolar, é necessária a formação dos professores e funcionários, para que sua presença sirva como proteção aos estudantes, evitando que as vítimas revidem as ofensas sofridas, una-se a gangues ou ainda usem a violência como norma social (STELKO-PEREIRA, ALBUQUERQUE, & WILLIAMS, 2012). Visto que, quando a comunidade escolar esta ciente do que vem acontecendo, a mesma poderá tomar iniciativas para impedir que estes jovens e crianças venham cair em mãos erradas.

Ao investigar os aspectos associados ao clima escolar, os autores ressaltam a relação entre a escola e a comunidade como um dos fatores essenciais para o estabelecimento de um clima escolar positivo. Articulando a teoria referente à eficácia coletiva (CUNHA, 2014). Pois quando todos se unem os resultados podem ser melhores do que os de uma escola que não tem apoio dos demais.

Levando ainda em consideração, que a compreensão de desenvolvimento humano no espaço escolar deve contemplar toda da comunidade: alunos, professores,

funcionários, famílias e entorno. Este contexto de vivência transpassa todos esses sujeitos e os demais contextos, além da escola, podem também influenciar este ambiente (MACHADO, YUNES, & DA SILVA, 2014). É sabido que o aluno não vive somente na escola e que a maior parte do seu tempo ele passa junto à família e as outras pessoas que o rodeiam, as quais podem ajudar, mas também podem atrapalhar o trabalho feito dentro das escolas se não acontecer uma boa parceria entre ambas as partes.

Algumas características sociais e individuais tornam algumas pessoas mais suscetíveis à exposição e vitimização a diferentes formas de violência em diferentes contextos. De acordo com pesquisa realizada por WAISELFISZ (2014) no Brasil os adolescentes fazem parte do grupo etário mais exposto à violência, sendo esta uma etapa de grande risco para mortes devido a causas externas. Os últimos índices indicam que alunos de escolas expostas a episódios de violência na comunidade obtêm resultados significativamente inferiores em provas nacionais de educação (Prova Brasil) em relação a alunos de escolas não expostas à violência (UNICEF, 2012). Ou seja, a violência externa, que esta fora dos muros das escolas também prejudica e muito a formação dos indivíduos, pois quando o aluno vive em situações de dificuldade, riscos e vulnerabilidade, conseqüentemente isso será refletido no seu desempenho escolar.

A manifestação de comportamentos violentos por parte das crianças está associada a alguns fatores como a família e a sociedade em que a criança está inserida (GUIMARÃES, 2015).

Mas lembrando de que além de ser dever de toda sociedade zelar pelo bem estar da criança e do adolescente. Mesmo com a garantia constitucional, a sociedade brasileira não sente com o dever. Na prática, o dever é atribuído ao Estado e à família da criança e do adolescente. Observemos que o art. 5º da Constituição assegura que, “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRANDÃO, MATIAZI, 2017).

SOUZA(2012) destaca que em pesquisas brasileiras realizadas, a violência na escola é reconhecida pelos estudantes como multifacetada, sendo percebida em ações físicas contra si e contra o outro e agressão física e agressão verbal entre professor aluno. Podendo se observar que a violência surge em todos os âmbitos escolares.

O envolvimento de toda a comunidade na resolução de conflitos e na prevenção à violência são fatores sustentados por estudos que indicam que as escolas menos

violentas são aquelas onde a direção é mais presente e confiável e as relações são mais democráticas (BUENO & SANT'ANA, 2011; KAPPEL et al., 2014). Sendo sabido que violência gera violência, então se uma escola ao invés de revidar a violência com castigos e discursões buscarem meios de lidar com a situação, conseqüentemente não abriram espaço para que esta aconteça.

O uso de castigos físicos ou medidas disciplinares severas não somente são ineficazes como estão fortemente associados ao envolvimento em situações violentas por escolares (OLIVEIRA et al., 2015).

A violência gera-se na existência de interação entre os intervenientes, ou seja, agressor e vítima, sendo que o primeiro encontra-se numa situação mais favorável (RIBEIRO, 2007). No entanto, esse benefício por parte do agressor não implica que este também sofra com as conseqüências individuais e sociais causadas pela violência (GUIMARÃES, 2015).

O conjunto, violência social e dificuldades dos educadores em enfrentá-la, impulsionou-nos a discutir a questão para compreender as causas e danos causados pela violência na vida escolar dos estudantes, na aprendizagem e na vivência social (BRANDÃO, MATIAZI, 2017).

Nos estudos de MALTA, MASCARENHAS, PORTO, BARRETO, & MORAIS NETO (2014) foi verificada também relação significativa entre consumir álcool na adolescência e faltar às aulas sem o conhecimento dos pais.

Além da exclusão da escola, o adolescente exposto à violência pode sofrer outras formas de exclusão, pois sendo vítima sofre exclusão da própria vida ou do estado de completo bem-estar físico, mental e social, e sendo agressor, ocorre exclusão da possibilidade do exercício de cidadania, por meio da qual pode reconhecer-se e ser reconhecido como sujeito de direitos e deveres (MELLO, 2015).

A exclusão não ocorre apenas por maus-tratos, acontece sempre no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder, implicando violência física, emocional e/ou sexual, além da negligência e da exploração, e oferecendo dano real ou potencial à saúde, à sobrevivência, ao desenvolvimento ou à dignidade da criança e adolescente vítima (PINTO & ASSIS, 2013).

O preconceito em relação à cor, ao nível socioeconômico e à sexualidade tanto de estudantes quanto de professores, e as práticas discriminatórias são fatores que também estão associados a situações de violência no espaço escolar. Dados da Iniciativa

Global pelas Crianças Fora da Escola (UNICEF, 2012) mostram que a violência acontece por ação de todos os envolvidos na educação, seja ela dentro ou fora da escola.

Para lidar com tal situação, segundo Leme & Carvalho (2012, p.11) apontam que

a organização e a autoridade tanto dos professores quanto da direção da escola são relevantes, pois são determinantes na forma de resolução das situações violentas que ocorrem nesse espaço, e inclusive é possível que o aumento da ocorrência de violência escolar deva-se também à forma como as agressões e conflitos são manejados por esses sujeitos.

É difícil que os estudantes consigam reconhecer e enfrentar situações de intimidação na escola sem o apoio de funcionários ou professores (NASCIMENTO & MENEZES, 2013). Por outro lado, esse auxílio do professor, através do incentivo do diálogo entre os envolvidos, pode tanto ajudar a solucionar a situação como contribuir para que os alunos desenvolvam novas estratégias de resolução de conflitos (LEME & CARVALHO, 2012).

Leme & Carvalho (2012), ainda evidencia que tal omissão não ocorre, porque os jovens souberam informar o que seus pais e professores pensariam sobre suas estratégias. Porém, como essas estratégias se mostraram pouco adaptativas, no sentido de resolver os conflitos propostos.

A análise a ser aqui apresentada buscou, além de comparar o conhecimento da opinião de pais e professores, identificar também, se algumas dessas opiniões poderiam estar relacionadas a determinadas estratégias em função da pessoa envolvida, da situação e de outros aspectos que serão discriminados a seguir. Vale ressaltar ainda que tal análise gerou grande quantidade de dados, que não permitiu divulgá-los em uma única publicação.

A ação dos alunos, de se fazer ouvir pela direção, reflete o quanto ações coletivas por parte de todos os atores poderiam ser potencializadas do trabalho da gestão escolar, que tomaria conhecimento das demandas de toda a escola (BOTLER, 2013). Entrando em ação neste contexto a gestão democrática, na qual o aluno tem voz ativa e participativa no desenvolvimento da escola.

NASCIMENTO (2017), destaca ao papel do professor não somente como sujeito isolado, mas o professor enquanto sujeito do inconsciente. O qual tem o potencial de influenciar na formação acadêmica e também social de seus alunos.

Como nos mostra Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, na perspectiva em perceberem-se, alunos e professores, como capazes de intervir na

própria realidade. Principalmente, no contexto da Educação, o desafio é não somente constata a realidade, mas ser capaz de interagir e intervir como um sujeito histórico. A cultura de relações entre professores e alunos é, desde modo, uma transformação mútua.

Piaget ainda mostrou que como a autoridade baseada no respeito mútuo constrói uma moral autônoma, enquanto que a autoridade exercida pelo respeito unilateral gera uma moral heterônoma em que o sujeito é incapaz de agir e julgar com seus próprios recursos: A autonomia, segundo Piaget, consiste em compreender o porquê das leis que a sociedade nos impõe e que não somos livres de recusar.

Considerando-se a formação integral do sujeito, para além da obtenção de conhecimentos formais, se faz necessária a valorização da participação ativa dos estudantes não apenas nos processos pedagógicos, mas também na construção de modos de resolução de conflitos nas relações sociais escolares (BISPO & LIMA, 2014).

Mas para que a educação venha realmente á alcançar esse plano de escola livre de criminalidade, violências e discriminações ainda há um longo trabalho a ser feito, começando da própria escola, pois de acordo com Nascimento (2017, p. 45)

a escola moderna como produto da Sociedade Disciplinar possui uma realidade multifacetária e, por vezes, contraditória. As violências simbólicas veladas no processo de ensino e aprendizagem podem estar implícitas: na didática do professor desqualificado; nos currículos ocultos sem propósitos pedagógicos; na desmotivação dos educadores pouco valorizados, cujo trabalho torna-se mecânico e sem compromisso ético; nas coerções ditatórias da própria escola, especialmente, no modelo de educação que despersonaliza o aluno por uma tentativa errônea em padronizar os saberes da classe.

No que se refere à satisfação dos alunos com a instituição de ensino e percepções de violência dentro e fora da escola e de drogas dentro da escola, verificam-se também direções opostas, ou seja, nas instituições em que muitos alunos já testemunharam ocorrências de violência e drogas, a avaliação geral da escola tende a ser negativa (CUNHA, 2014).

Isto ocorre porque os atos de violência que não é física, as violências “sutis”, compõem o cenário cotidiano das escolas. A violência então se torna natural, é direcionada para o campo das coisas que não podem ser mudadas, que não podem ser repensadas justamente porque “são como são”. A naturalização da violência se refere aos processos pelos quais as relações violentas passam a atravessar as trocas interpessoais cotidianas e compor os códigos relacionais dos atores envolvidos (LIBARDI, CASTRO, 2014).

Muitas vezes as reprovações na escola podem estar associadas a menores expectativas do adolescente em concluir a Educação Básica, sendo que nos últimos anos do Ensino Médio a saída de alunos do sistema de ensino por esse motivo se mostra preocupante (FRITSCH, VITELLI, & ROCHA, 2014).

Estas muitas facetas da violência são apresentadas por (DOWBOR, 1998 apud NASCIMENTO, 2017, p.15) como

a violência na Educação, também, escamoteia-se de múltiplas facetas, que revelam a alma humana doente e limitada pelas fragilidades da própria existência sensível em associação com a opressão social, própria da superestrutura capitalista.

A nosso ver, entretanto, considerar este tipo de violência como implícita pode dar a entender que ela é menos intensa. Acreditamos que o caráter implícito se refere apenas à forma como esta violência se expressa, implicitamente, e não ao seu grau de intensidade ou importância. Porém, tal nomenclatura pode sugerir uma minimização da autoria da ação: ela acontece de maneira acobertada e disfarçada. Neste sentido, (LIBARDI, CASTRO 2014) destacam ser mais apropriado nomear tais episódios como “violências sutis”, pois o termo contempla a forma tomada pela violência – velada, não explícita, sorrateira, não revelada – e expressa com precisão seu conteúdo de violência e de disfarce.

Ainda sobre violência (LIBARDI, CASTRO, 2014), ressaltam que embora na base das iniciativas de redução da violência escolar, encontrem-se demandas muito claramente formuladas por profissionais da educação, a participação efetiva dos atores sociais, bem como a de instituições públicas e privadas, e de organizações populares de diferentes orientações, se fazem necessárias para diminuir ou minimizar a situação.

No entanto, percebemos que o clima de insegurança ainda se encontra presente, e muitas vezes tende a ser agravado com a intensificação da ação do crime organizado e do tráfico em algumas cidades brasileiras (LIBARDI, CASTRO, 2014).

Portanto, “viver em uma cultura de paz significa repudiar todo e qualquer tipo de violência, promovendo os princípios de tolerância, compreensão e justiça” (MATOS; NASCIMENTO, 2006 apud MATOS, 2012, p. 25).

Esta violência no interior da escola pode ser apresentada como manifestações de indisciplina contrária a uma regra ou regimento. Estas podem ser provocadas por fatores como: problemas psicológicos, familiares, de estruturação escolar, das circunstâncias sócio históricas, ou, então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua personalidade, pelo seu método pedagógico etc. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 19).

Assim, a indisciplina pode expressar as emoções, os sentimentos e a consciência dos alunos, sobre si, sobre as relações com os outros, sobre o modo como articulam as relações com os outros, sobre o modo como articulam as relações em sala de aula e suas experiências naquele espaço (SIMON, 2012, p. 49).

Além das diferenças de comportamento em uma mesma sala com diferentes professores, também podem coexistir em uma mesma escola diferentes tipos de turma, aquelas consideradas disciplinadas e indisciplinadas. Por que isso acontece quando os alunos pertencem a um mesmo grupo social e têm níveis de aprendizagem semelhantes? (LOPES E GOMES, 2012, p. 7).

Esses diferentes contextos mostram que, embora não seja algo novo, os atos considerados como indisciplina possuem diferentes objetivos e alvos que podem contribuir para mudanças de uma “ordem vigente” ou para perpetuar uma cultura de violência. (LOPES E GOMES, 2012, p. 2).

Portanto o papel da escola, do ensinar a conviver, é fundamental para formação cidadã. Convém lembrar que existe uma forma consciente e segura de pôr em prática essa exigência educativa. O caráter político criado desde tenra idade pode propiciar a mudança, contemplando a implantação de valores reais e disseminadores da construção da cidadania plena. Esta somente será vivenciada se as ditas “normas” e “regras” forem entendidas e, por que não dizer, criadas por todos que serão contemplados por elas.

Silva (2013), no artigo “A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?”, mostrou os tipos de violência cometidos por professores, testemunhados e/ou vivenciados por futuros professores durante o processo de escolarização.

Bispo e Lima (2014), no artigo “A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar” faz uma abordagem das formas simbólicas e sociais no âmbito escolar. Destacam a importância de uma educação que valoriza a participação dos jovens na resolução de problemas nas relações sociais e pedagógicas.

Para os autores, a cultura da paz visa a resolver problemas por meio de diálogo, negociação e mediação, culminando em inviabilizar guerra e violência. O combate à desigualdade, à exclusão, com respeito aos direitos de cidadania, é fator importante para almejar a construção da cultura de paz.

2.6 Os reflexos da violência

Os atos de violência cometidos na escola, se não coibidos e revertidos, podem levar a outros atos infracionais, que poderão resultar em medidas protetivas e socioeducativas, sendo estas somente aplicáveis judicialmente de acordo com as circunstâncias e a gravidade da infração. Sua finalidade é reestruturar o infrator para a integração social. Os critérios devem ser pedagógicos, sociais, psicológicos e psiquiátricos, visando à integração do adolescente na própria família e na comunidade. Liberati (2012) ensina que esse conjunto deve propiciar incentivo para o adolescente reconstruir os valores violados. O infrator não pode, portanto, ficar à mercê de medidas vexatórias ou violadoras de sua dignidade.

Não há dúvida, porém, de que os regimes socioeducativos devem constituir-se em condição de garantia de acesso do adolescente às oportunidades de superação de sua condição de exclusão social, bem como de acesso à formação de valores positivos de participação na vida em sociedade. Mas, por outro lado, o adolescente autor de ato infracional deve ajustar sua conduta, por meio de movimentos de coercibilidade e de punição pelo ato ilícito praticado (LIBERATI, 2012, p. 118).

Quem achar que com a participação se restaurará a harmonia perdida terá ainda maiores decepções. A harmonia na instituição escolar será sempre aparente. *Só é harmoniosa a instituição que é opressiva.* Uma instituição educadora será sempre um lugar de conflito, de debate, de crítica, de desconforto. Os que buscam a vida, os que vivem, serão sempre inconformados. Só a morte é harmonia, repouso, eliminação de conflitos (GADOTTI, 2012, p. 125).

Tendo a mesma autonomia, mas não de uniformização de acordo com (Mello, 2015):

a autonomia respeita as diferenças, supõe parceria e não significa uniformização. Significa uma constante troca, lutando por uma escola que projete a sociedade que o cidadão consciente quer. É dar um sentido novo à função da escola.

2.7 A influência da Família

A sociedade vem vivendo fortemente sob uma racionalidade buscando se organizar isso se dá pela influência do método cartesiano, segundo Behrens (2013, p.17) esse pensamento causa “a separação entre mente e matéria e a divisão do conhecimento em campos especializados em busca de uma maior eficácia”. Assim o homem buscou

cada vez mais fragmentar o conhecimento para que pudesse compreendê-lo, no entanto acabou fragmentando tanto que já não se consegue compreender que tudo está interligado. Deixando muitas vezes que a educação aconteça apenas por parte da escola, ao invés de trabalhar em conjunto com a mesma, afinal é sabido que a criança possui necessidades e está em constante aprendizagem independente de onde ela esteja.

Behrens (2013) afirma que “para desenvolver essa abordagem, a educação precisa da participação do ser com sua inteireza, num grande encontro de cérebro e espírito, corpo e mente razão ou emoção [...]”, ou seja, reafirmando a necessidade de tratar o ser humano como um todo e além disso um ser que se integra a todo o restante do planeta.

Educação é uma realidade diária nos lares, nas escolas, nas ruas, nas comunidades, nos grupos sociais. Ela permeia a atitude das pessoas que vivem em sociedade. Características, funções, benefícios e experiências fazem o ser humano perceber o mundo por várias faces. É uma utopia pensar que sem ela o mundo permaneceria vigente. Tradições culturais, esquemas mentais, projetos, desejos de cada um dão sentido à vida e à convivência. Este é um direito, que por sua vez, também, é uma realidade diária em todos os espaços, e este está em vigência permeado por situações que envolvem relações diversificadas. As situações se desenrolam e resolvem por meio de diversos elementos que reúnem educação e direito. Parece haver, no atual contexto, uma delegação à área do direito do que é de cunho pedagógico e educativo (MELLO, 2015). Como já foi dito a educação recai sobre o pedagógico, ou seja, da escola.

Nota-se que os estilos parentais se referem aos afetos e à maneira como os pais se relacionam com os filhos, ou seja, se há apoio, aceitação, indiferença e negligência, e, por outro lado, se há controle e supervisão das atividades dos filhos sem que haja superproteção, mas o favorecimento da autonomia e do desenvolvimento. Numa abordagem psicossocial e emocional em que os estilos parentais podem se apresentar como positivos ou negativos, por exemplo, os problemas de comportamento e de relacionamento dos filhos podem ser associados a pais que não estimulam a independência e o autocuidado (BIBOU-NAKOU, TSIANTIS, ASSIMOPOULOS, &CHATZILAMBOU, 2013).

Porém outro ponto relevante que se pode considerar, é que mesmo a escola estando inserida em questões sociais e econômicas, ela ainda conta com um espaço próprio e autônomo, que lhe dá subsídios para direcionar o sentido de sua ação na

sociedade. E ainda que a família exerça grande influência na vida do estudante, é necessário lembrar que a escola e a família são sistemas relativamente independentes, ou seja, nem tudo que ocorre na família está necessariamente relacionado às dificuldades da instituição escolar. (FERNANDES, PENTEADO, 2014). Podendo notar que a escola tem sim, seu papel que é fundamental para a formação do cidadão, mas sozinha a mesma é fraca e necessita da cooperação das famílias.

De acordo com (FU et al., 2013; JANSEN et al., 2011; SEVDA&SEVIM, 2012), verifica-se que as famílias monoparentais são mais associadas ao envolvimento dos alunos com o bullying, tanto como vítimas ou como agressores. Entretanto, o fato de ter existido uma união e depois uma separação é menos associado com o fenômeno do que aqueles alunos cujos pais nunca estiveram em união. Já (KIM et al., 2009; SHETGIRI et al., 2013) aponta que famílias intactas são consideradas protetivas em relação ao bullying.

Oliveira e Ferreira (2013, p. 14) afirmam que:

a violência escolar reduz a probabilidade de os alunos apresentarem desempenho adequado. Conforme pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, Abramovay et al (2009) mencionam que, segundo o corpo pedagógico, o maior problema da escola é a indisciplina – falta de respeito, responsabilidade e educação que não se recebe em casa. Complementam afirmando que a falta de comunicação entre docentes e alunos causa revolta, independentemente da idade dos estudantes, para quem o diálogo se traduz em falar sobre assuntos que despertem interesse. Querem conversar, trocar opiniões sobre as principais decisões que dizem respeito à escola. Apontam a comunicabilidade como qualidade maior do dirigente, que deve ter flexibilidade para lidar com as situações e reivindicações.

De acordo com (FERREIRA, BRANDÃO, 2014) alguns dos fatores envolvidos na não aprendizagem do aluno, estão em que os elementos centrais apresentados pelos professores consistiram na desestruturação familiar e na resultante falta de incentivo da família à vida acadêmica do aluno, como os fatores mais proeminentes do fracasso escolar. Dessa forma, a família emerge como o fator de maior força representacional segundo as crenças dos professores, constituindo um dos aspectos do núcleo central da representação.

A família desestruturada, ou seja, que não atende a uma estrutura padrão é uma expressão contemporânea em relação às transformações que a família de fato vem enfrentando nas últimas décadas. Contudo, buscando mais profundamente as raízes ideológicas do discurso, em sua parte defensiva, ele se apresenta na intolerância da

diferença ao outro em sua alteridade. Este “pobre” desprovido de “conteúdos” e proveniente de uma família “desestruturada” encontra na escola inserida no contexto individualizante e normatizado de subjetividades, representativa do estado mínimo, uma verdadeira cama de procusto (FERREIRA, BRANDÃO, 2014).

Esses comportamentos dos pais são interpretados como de envolvimento positivo entre eles e os filhos, aspecto que recebe grande destaque na literatura e é apontado como fator significativo de proteção. Esse envolvimento é traduzido pela supervisão, estabelecimento de regras e comunicação positiva. Além disso, a aceitação dos pais em relação às dificuldades, diferenças e aparência dos filhos diminui as chances de envolvimento em situações agressivas, assim como ocorre com aqueles que possuem famílias democráticas e que estimulam comportamentos de não violência (BIBOUNAKOU et al., 2013; CHAUX et al., 2009; GEORGIUO&FANTI, 2010; LEE, 2011; LEE & SONG, 2012).

Diante de tal núcleo de representação, concordamos que os aspectos familiares e sociais são relevantes para o desenvolvimento do sujeito. No entanto, tal conhecimento sobre a realidade dessas crianças deve ser ponto de partida para a adequação da prática pedagógica, e não mais um alibi para eximir sujeitos envolvidos em suas responsabilidades frente ao processo educativo (FERREIRA, BRANDÃO, 2014).

É nessa dimensão da vida que ocorrem aprendizagens de comportamento e manejo social, e a internalização de métodos que podem se traduzir em estratégias de relacionamento que extrapolam o contexto familiar que se converte em produtor de fatores determinantes de proteção ou de risco. (OLIVEIRA, SILVA, 2015).

Nesta direção MELLO (2015, p. 31) destaca que, mesmo em escolas situadas na zona do tráfico, o trabalho especializado da equipe pedagógica, as relações entre os sujeitos e um espaço mantido organizado podem impedir o aumento dos índices de violência interna.

Dessa forma, as autoras citadas associam disciplina a determinadas concepções sociais, como por exemplo, a disciplina que recebemos na família, na religião, na escola, no sindicato, etc. Para cada uma dessas instituições existe uma característica própria na maneira de disciplinar e também são variáveis conforme o contexto histórico em que estão inseridas (SILVA, COSTA, 2015).

CAPITULO III

Neste capítulo abordaremos a pesquisa de campo realizada e a análise dos dados coletados a luz do referencial teórico.

3.1 Percurso Metodológico

De acordo com Gil (2007, pág. 17), pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo contínuo de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A abordagem metodológica deste estudo se desenvolveu numa perspectiva qualitativa e, quanto à pesquisa, esta poderá ser classificada como exploratória. Segundo Gil (2007, p. 35), “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. A grande maioria dessas pesquisas envolve: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2007, p. 35).

Neste viés, busca-se familiarizar o seu problema e sua hipótese com mais precisão. A pesquisa exploratória também permite escolher as técnicas mais adequadas para as pesquisas. Desta forma, a temática deste estudo – A violência no contexto escolar – foi desenvolvida dentro de um modelo metodologicamente exploratório. Quanto à abordagem do objeto de pesquisa, foi realizado um trabalho de pesquisa bibliográfica para seleção dos autores responsáveis pelo embasamento teórico, e uma pesquisa de campo. Quanto à utilização dos procedimentos técnicos, foi utilizada uma entrevista, que foi aplicado a 07 (sete) professores, sujeitos dessa pesquisa.

3.2 Universo da pesquisa/População

A pesquisa será realizada nas escolas estaduais da cidade de Monte Azul, situada no extremo norte de Minas Gerais, divisa de Minas e Bahia, com uma população de 22,102 habitantes segundo o censo IBGE de 2010. A cidade já possui cento e trinta anos, porém ainda é pequena levando em consideração os avanços desta, talvez pelo fato de a maior parte da população jovem migrar para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

A população pesquisada é pertencente a um grupo de classe média e baixa, mas que já possui bastante acesso aos meios de comunicação. Havendo também na cidade um grande número de profissionais formados em educação.

3.2.1 Caracterização do local da pesquisa

A Escola Estadual Tancredo Neves esta situada na cidade de Monte Azul Minas Gerais, no Bairro Icaraí, rua Vicente Pereira, número 158. Na atualidade esta escola é dirigida pela diretora Neuza Rosa Freitas e pela vice-diretora Maria Conceição Dias Araújo, tendo duas especialistas em atuação. A escola possui como missão desenvolver um ensino de qualidade visando reparar o aluno para o exercício da cidadania, sendo crítico, participativo e transformador da sociedade. Visto que esses alunos são oriundos de uma realidade complicada e possuem em grande parte dificuldades de aprendizagem principalmente quando se trata de leitura e escrita.

Devido a grande demanda de alunos a escola que se encontrava em outro endereço solicitou a construção de um novo prédio, sendo este na qual onde hoje se localiza, o mesmo tem como área de terreno 7.500 m² e conta com uma diretoria, uma sala de arquivos escolares, uma secretaria, uma sala vice-diretor, um deposito de material didático, uma cozinha, dois pátios, uma copa da administração, um refeitório, dois banheiros (masculino e feminino), um banheiro de alunos (feminino e masculino) com acessibilidade, um banheiro da quadra (masculino e feminino).três banheiros para servidores e um deposito de materiais da quadra.

A escola oferta quatro modalidades de ensino, sendo estas, ensino fundamental: 6º ao 9º ano, ensino médio: 1º ao 3º ano, Educação de Jovens e Adultos e Educação Integral e Integrada anos finais. Atendendo neste ano de dois mil e dezoito 520 alunos no total e conta com 35 professores para atender esse número de alunos.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os informantes da pesquisa foram professores que atuam na rede pública do município de Monte Azul e que convivem com a violência no ambiente escolar.

Apresentaremos a seguir, o perfil dos participantes da pesquisa, seguida da análise dos dados coletados com professores atuantes do Ensino Fundamental a partir de uma pesquisa de campo ocorrida no mês de Abril do ano de 2018.

Por questões éticas, a identidade dos sujeitos da pesquisa, permanecerá no anonimato, sendo os mesmos identificados pela primeira letra da profissão seguida da numeração da entrevista, ficando respectivamente como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7.

A seguir apresentaremos o perfil dos sujeitos da pesquisa:

Quadro 01- Perfil dos entrevistados

Sujeito	Idade	Sexo	Tempo de Atuação	Graduação	Pós-Graduação
P1	50 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Pedagogia	Pós em Metodologia do Ensino
P2	45 Anos	Feminino	0 à 5 anos	História	
P3	56 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Geografia	Pós em Docência do Ensino Superior
P4	50 Anos	Masculino	10 à 20 anos	Matemática	Pós em Matemática
P5	52 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Pedagogia / História	Pós em Psicopedagogia
P6	49 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Letras	
P8	30 Anos	Masculino	De 0 à 5 anos	Ciências sociais, licenciatura	

Fonte: Dados levantados em pesquisa de campo, entrevista realizada em Abril de 2018

Como podemos observar 72% dos entrevistados atuam na Educação a mais de 10 anos, o que representa uma vivência com este contexto muito importante, todos possuem graduação e 72% possuem pós-graduação lato sensu, isso demonstra o interesse dos participantes em estarem procurando atualizar os seus conhecimentos.

3.4 Análise dos dados

Iniciamos a entrevista abordando na visão dos professores entrevistados **os desafios encontrados na sua atuação profissional na atualidade**. Obtivemos as seguintes respostas:

P1- Administrar a indisciplina discente.

P2- Motivar os alunos que apresentam grande defasagem na aprendizagem.

P3- A indisciplina.

P4- Disputar o interesse dos alunos em contrapartida aos games e redes sociais além de falta de tempo em virtude do grande número de serviço em sala de aula e extra-sala.

P5- Lidar com alunos que não tem pré- requisitos para a série (ano de escolaridade) em que se encontra

P6- Atender demandas de salas heterogêneas, em que se encontram alunos com potencial e sede por ampliar conhecimentos versus semi alfabetizados (promovidos automaticamente em função da idade, sem nenhum apoio ou cobrança da família, muitas vezes, desestruturada e , conseqüentemente são filhos/alunos indisciplinados e desinteressados pela aprendizagem), que por sua vez exigem do professor diversas e eficientes metodologias para conciliar polos tão divergentes em uma só turma.

P7- O principal desafio é preparar aulas, diálogos e discussões que despertem os alunos e os motivem a aprender.

Como podemos observar nas respostas dos entrevistados os fatores ou desafios encontrados na atuação do professores são variados desde de alunos sem pré-requisitos para o ano de escolaridade, como a motivação, os fatores sociais o que acarreta muitas vezes a indisciplina na sala de aula.

Rego (1996, p.26) “o comportamento indisciplinado não é resultado de fatores isolados, mas de várias influências que permeiam a vida do aluno, através de inúmeras interações sociais”. Pode-se entender que são muitos fatores que influenciam negativamente esses comportamentos na vida dos alunos na atualidade, tornando-os agressivos, rebeldes, e trazendo dificuldades em sua aprendizagem, tanto em sua vida escolar, quanto na sua vida enquanto cidadão. D’ANGOLA, (1989, p.84) destaca que

o problema da indisciplina é muito mais complexo do que a superficialidade com que tem sido considerado nas escolas. Em primeiro lugar, é preciso aprofundar os conhecimentos das causas da indisciplina, e, sobretudo, conhecer as raízes do problema daqueles que são rotulados de indisciplinados.

Reforçando a resposta de P6 Nascimento (2017, p. 45)

a Escola moderna como produto da Sociedade Disciplinar possui uma realidade multifacetária e, por vezes, contraditória. As violências simbólicas veladas no processo de ensino e aprendizagem podem estar implícitas: na didática do professor desqualificado; nos currículos ocultos sem propósitos pedagógicos; na desmotivação dos educadores pouco valorizados, cujo trabalho torna-se mecânico e sem compromisso ético; nas coerções ditatórias da própria escola, especialmente, no modelo de educação que despersonaliza o aluno por uma tentativa errônea em padronizar os saberes da classe.

Neste sentido faz se necessário um olhar diferenciado sobre o aspecto da indisciplina, sendo a mesma vista não somente com um ato agressivo, mas o resultado de todo um processo social e educacional.

Para aprofundar na violência no contexto escolar indagamos **você já sofreu em algum momento da sua carreira alguma agressão? Se sim, qual e como é passar por isso?** Obtivemos as seguintes respostas:

P1- Graças a Deus, não.

P2- Não.

P3- Sim, agressão verbal.

P4- Sim. A agressão verbal e psicológica. É uma situação constrangedora, humilhante e ultrajante.

P5- Na escola temos algumas agressões, do tipo verbal, onde dialogamos para minimizar a situação.

P6- O constrangimento moral por qual passei foi que um aluno INVENTOU para mãe dele que eu havia agredido-o. A mãe, equivocadamente, deu queixas ao conselho tutelar sobre minha pessoa. O caso foi averiguado e a verdade esclarecida. Mas, passar por esse incidente me deixou emocionalmente abalada.

P7- Não sofri nenhuma agressão em minha carreira. Eu respeito os alunos e eles se sentem na obrigação de me respeitar.

Como podemos observar 66% dos entrevistados destacaram a agressão verbal e o constrangimento moral como tipos de violência presentes no interior das escolas e que tem provocado problemas psicológicos.

De acordo PATIAS, DELL'AGLIO e SILVA (2016) de fato a violência pode trazer consequências físicas, psíquicas e sociais. Dentre as principais consequências da violência, estão aquelas relativas à saúde mental e social e não meramente a ausência de doenças. Está relacionada com a promoção do bem-estar, a prevenção dos transtornos mentais, tratamento e reabilitação de pessoas afetadas por transtornos mentais.

Portanto, tanto as violências simbólicas e psicológicas contra os alunos devem ser focalizadas no contexto da violência escolar, mas também a vitimização dos professores neste ambiente tanto direta quanto indiretamente, sendo estes muitas das vezes responsabilizados por tais acontecimentos, quando na verdade são apenas vítimas (SOUZA, 2012; ROCHA et al., 2013).

Com o propósito de averiguar as dificuldades enfrentadas pelo professor perguntamos, **a violência no ambiente escolar é fruto apenas da relação professor aluno? Ou existem outros propulsores. Se sim, quais?** Impetramos as seguintes respostas:

P1- Não. Fatores externos à escola podem contribuir para que a violência aconteça no ambiente escolar. Ex: Desestrutura familiar, ausência de valores e desvalorização do protagonismo juvenil.

P2- Não. Existem outros propulsores. – A desestrutura familiar. - A desigualdade social, entre outros.

P3- Não, existem outros propulsores que existem fora do ambiente escolar.

P4- Não. Desmotivação, falta de perspectivas violência familiar e social são fatores propulsores à violência escolar.

P5- Aluno com aluno é a mais comum.

P6- Com certeza, existe também a relação aluno/família/sociedade.

P7- A escola é parte sociedade, assim como a educação não se resume no ambiente escolar. A sociedade é violenta, as opressões, exclusões e agressões que os alunos sofrem nos ambientes exteriores a escola refletem na relação professor aluno.

Sobre este aspecto Coll (1995, p. 251) ressalta que

a influência da família sobre as crianças, durante os anos escolares, é observada em diferentes dimensões evolutivas (agressividade, sucesso escolar, motivação de sucesso, socialização de papéis sexuais, etc.) .

Martins &Almario (2012, p.10) ainda destacam que a agressividade constitui um elemento integrante no ser humano, “no entanto, a cultura, a vida social são fatores importantes como reguladoras dos impulsos destrutivos”

Nesse aspecto, em relação à Teoria Sócio--Histórica, Vygotsky, Carvalho e Matos (2009, p. 16) relatam que “ao nascer, o homem herda características genotípicas da sua espécie e dos seus familiares, que constituem possibilidades a ser desenvolvidas no convívio social”; ou seja, os acontecimentos aqui vividos podem ser construídos a partir da convivência com o outro, marcando a construção da subjetividade humana.

Com o objetivo de identificar os tipos de violência no contexto escolar, perguntamos aos entrevistados **É comum acontecer dentro do espaço escolar relatos de violência? Quais?** Os mesmos responderam que:

P1- Na realidade em que atuo, não vejo como comum, mas com registros esporádicos, onde os conflitos são administrados pelos profissionais. Ex: Fofocas entre estudantes.

P2= O tipo da violência mais comum é a violência verbal, mas ocorrem também pequenos conflitos entre colegas de sala.

P3= Sim, verbais.

P4= Sim. Violência na forma de bullying, física, verbal, psicológica, intolerância entre outras.

P5= Raros; sem registros.

P6= É mais comum atrito entre alunos devido a fofocas, por disputa de agrupamento própria da idade, por revide ou bullying.

P7- Sim. Se o professor está numa sala em que os alunos são oriundos de comunidades pobres e violentas, eles acabam trazendo esses relatos para dentro do espaço escolar. Os relatos são: brigas entre vizinhos, brigas entre pais, irmãos, parentes. E essas violências se tornam comuns em suas vidas, tornando esses alunos, futuramente, seres violentos.

Com o propósito de averiguar como se sente o professor frente a este contexto, perguntamos **você já se sentiu ameaçado no próprio ambiente escolar? Se sim, por quê?** Os entrevistados responderam que:

- P1- Não.
P2- Não.
P3- Ameaçado não.
P4- Sim. Por falta de amparo por uma política de proteção aos profissionais da educação.
P5- Não, tento administrar a situação para que não chegue ao conflito/confronto.
P6- Com o fato relatado na resposta da segunda questão, senti-me não fisicamente ameaçada, mas frustrada impotente diante da segurança de minha integridade moral.
P7- Nunca me senti ameaçado, sou calmo e tento passar essa tranquilidade para os alunos. Mostro que nada se resolve com violência.

Procurando identificar o que pode ser feito para melhorar esta situação, perguntamos: **em sua opinião, o que precisa ser mudado para que esses atos de violência sejam amenizados?** Obtivemos as seguintes respostas:

- P1- Reforçar o protagonismo juvenil nas escolas, trabalhar valores, constantemente e buscar parcerias para o desenvolvimento das ações frisando ao alcance desse objetivo, especialmente a parceria **FAMILIAR**.
P2- Regras mais rígidas;
- mudanças na legislação;
- Apoio maior da família.
P3- Acho que a família deve ter mais responsabilidade com a educação de seus filhos.
P4- Não é uma solução simples nem a outro prazo, pois é uma questão social que deve ser encarada de frente com solução inovadora e desafiante com o compromisso de todo o segmento social.
P5- Tanto na escola como na sociedade deve-se investir em projetos que estimulem as habilidades dos jovens, elevando sua autoestima.
P6- As escolas necessitam fazer parceria com a PM e ter autonomia para estabelecer direitos e deveres, acompanhando o fiel cumprimento dos mesmos.
P7- O que precisa, é o que todos os adultos já sabem: Educação! É oferecer para as comunidades com alto índice de violência, oportunidade para as crianças e adolescentes. Se não derem oportunidade, eles seguirão os exemplos dos pais, irmãos e vizinhos. E não adianta reclamar ou agir com preconceito e violência em relação a essas comunidades, isso só gera ódio e guerra ou conflito.

Sobre este aspecto Carvalho (2014, 130 destaca que

a violência não pode ser analisada isoladamente, mas fazendo parte de um contexto mais amplo, no qual a desigualdade social está presente como problema principal, diante de todas as suas implicações negativas, dentro desta sociedade desigual de exclusão, no entanto, “não se pode reduzir tudo à educação, mas fica fora de dúvida o valor das suas contribuições, inclusive para combater a pobreza, questão de base, intimamente associada à exclusão”.

Com o objetivo de procurar identificar os pontos de convergência desse problemas, perguntamos **de acordo seu ponto de vista, quem é o maior culpado por esses acontecimentos no ambiente escolar?** Os mesmos responderam que:

P1- Muito difícil apontar o culpado “maior”, pois é o conjunto de vários fatores que levam à violência, mas a falta de estrutura familiar contribui muito para a presença de outros.

P2- Não existe o maior culpado. O que ocorre é fruto de múltiplos fatores (sociais, econômicos, etc.).

P3- Continuo achando que a família ainda é a maior culpada de indisciplina. Porém o sistema educacional também colabora para que a indisciplina aconteça.

P4- Em alguns casos, sim. Mas em outros, a presença policial é indispensável ao posicionamento da instituição escolar.

P5- Acredito que a assistência da família junto ao aluno favoreça o seu desempenho escolar e a disciplina. Ainda é muito tímida a presença da família na escola.

P6- Acredito que a falha principal é a desorganização ética do SISTEMA político, judiciário e governamental (ou seja, legislativo, judiciário e executivo), de onde se refletem desajustes para toda a sociedade, como nas famílias e nas escolas.

P7- Não existe um culpado. Somos todos nós. A escola faz parte da sociedade. A sociedade precisa da escola, o governo é quem mantém a escola, os deputados é quem faz as leis para a organização da escola e os juízes é quem corrige eventuais erros. Mas apenas poucos seres humanos fazem a diferença.

A escola também sofre muitas consequências, devido esses tipos de problemas que vem acarretando a vida dos alunos sendo que às vezes não sabem até que ponto pode intervir em certos comportamentos. Por isso entende-se que o trabalho da escola pode e deve ser um trabalho coletivo que abranja toda a comunidade escolar, fazendo com que possa contribuir na amenização desse problema.

Vasconcellos (2000, p. 56) afirma que

propusemos organizar o próprio sistema de disciplina, envolvendo os pais e alunos. Não adianta a escola desenvolver todo um trabalho, se não tiver ressonância e continuidade na família. (...) A disciplina na escola tem que ser construída por todos envolvidos, senão não vai dar frutos positivos.

Com o intuito de levantar as possibilidades de intervenção nesse problema, perguntamos aos entrevistados, **você acha que as escolas, ao invés de chamarem a polícia e fazerem BO, quando o aluno é agressor, deveriam investir em trabalhos pedagógicos e no apoio psicológico e de assistência social?** Obtivemos as seguintes respostas:

P1- Sim, sem dúvida, por esse motivo as escolas hoje já implantou e implanta ano a ano o “Projeto de Convivência Democrática no Ambiente Escolar”.

P2- A escola já investe muito em trabalhos pedagógicos, mas quando acontece algo que sai do controle da instituição, faz se necessário a intervenção policial.

P3- Se a agressão não for grave, sim. Muitas das vezes foge do controle da escola.

P4- Em alguns casos, sim. Mas outros, a presença policial é indispensável ao funcionamento da instituição escolar.

P5- Sim, as pesquisas comprovam que se investirmos em educação evitamos a construção de presídios (como já afirmava Darcy Ribeiro.).

P6- Sim, a escola deve se adequar à clientela que atende. Se no corpo discente há infratores, deverá investir na educação moral e ética dos alunos cujas famílias deixaram-lhes essa lacuna. Mas deverá ser um trabalho árduo e eficaz, contando com profissionais especializados. Nesse sentido, o investimento do ESTADO se torna imprescindível para se concretizar uma real educação de qualidade.

P7- A escola tem função de educar, se ela chama a polícia, ela está tirando a sua autoridade de educar o aluno agressor e a escola está demonstrando que ela é ineficiente. A escola deve investir sim em trabalhos pedagógicos e junto ao psicólogo e assistente social, procurar as origens do aluno e porque ele se tornou agressor. Tudo tem explicação e é passível de resolução.

Dois dos entrevistados enfatizaram a necessidade em alguns casos da intervenção policial, os demais afirmaram a necessidade de a escola estar buscando parcerias. Neste sentido cabe à escola ter conhecimento das causas do problema, pois o mesmo poderá acarretar uma série de implicações à prática pedagógica, buscando conhecer a realidade de cada aluno, procurar conhecer a prática pedagógica exercida em sala de aula, e refletir sobre o trabalho exercido na escola. Necessita que busquem primeiramente conhecer e compreender as causas da indisciplina para irem à busca de soluções. Vasconcellos (2000, p. 90) afirma que

temos que analisar a gênese do problema, a história do aluno e/ou classe; que experiências teve nos anos anteriores, que tem da escola, da disciplina, daquela matéria específica, do professor. Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve a partir da realidade.

Diante disso surgem as necessidades da existência de um profissional da psicologia próximo à realidade das escolas. A psicologia escolar surge com o objetivo de ressaltar a importância de o psicólogo atuar mais próximo da escola e de se referir a esse contexto específico (CHAMUSCA CHAGAS, 2013, p 15).

Ainda sobre as intervenções frente a situação de violência, perguntamos **se eles achavam que aumentar o policiamento nas escolas poderia ajudar no combate a violência**, os mesmos responderam que:

P1- Contribuir, sendo a polícia parceira no projeto citado na questão anterior.

P2- Sim, todo tipo de ajuda é válida.

P3- Nem sempre.

P4- Apesar de ser uma medida paliativa, às vezes, é indispensável.

P5- Não, o que se faz necessário é o estabelecimento de normas e a criação de regras para que sejam obedecidas por todos (e as punições previstas para o caso de desacato). Para isso a escola deve ter mais autonomia.

P6- Colocar polícia para intimidar ajuda, mas não resolve. Além de visitas e da intervenção da polícia, se for o caso, a escola deverá ser pautada e direcionada por **limites** claros e coerentes.

P7- Os policiais devem fazer a ronda nos bairros e a inspeção em todas as ruas do prédio escolar. Mas, dentro da escola, a ordem e a disciplina deve ser mantida de acordo com as diretrizes da escola: diretor supervisor e coordenador. Na sala de aula, a autoridade deve ser do professor.

Como podemos observar 03 dos entrevistados acham que a parceria da polícia contribui para combater a violência, 02 acreditam que a intervenção policial não resolve e que a escola deveria ter regras claras e coerentes, para que este ambiente fosse respeitado. Portanto a escola ao buscar solucionar os problemas da indisciplina dos alunos, primeiramente necessita refletir sobre o tem provocado esse problema, buscando conhecer as condições que podem estar contribuindo para a evolução do mesmo.

Para finalizar perguntamos aos entrevistados se eles **já possuíram algum tipo de ansiedade ou sintomas de depressão, provenientes dos fatores que envolvam violência na escola?** Os mesmos responderam que:

P1- Não, apesar que trabalhar em um ambiente onde há conflitos, o emocional se abala. No meu caso, graças a Deus, e a minha equipe de trabalho, conseguimos uma intervenção pacífica nos casos ocorridos, sem consequências para a nossa saúde.

P2- Não.

P3- Não.

P4- Sim. E muito provavelmente agravado por fatores de violência escolar.

P5- Não.

P6- Após o fato que já mencionei e eu ficar emocionalmente abalada “no profissional”, precisei fazer sessões de terapia. Mas é verdade que por razão familiar eu já estivera deprimida anos antes. O fato foi só mais uma alavanca que me impulsionou á busca do tratamento pelo qual, até então, eu tinha preconceito... resistia-me.

P7- Não tenho nenhum problema em relação a violência no ambiente escolar. Minhas dificuldades é elaborar aulas que levem os alunos a realmente aprender, que saiam verdadeiramente preparados da escola. Que prestem concursos e vestibulares e saiam das situações de pobreza, necessidades e violências em seus bairros e comunidades.

VASCONCELOS (1997, p. 227 a 252), as questões indisciplinadas têm ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar no país e a grande insatisfação decorrente dessas questões tem constituído em causa de abandono e de doenças, principalmente nervosas, do quadro do magistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como finalidade averiguar quais são os motivos de vários professores viverem ou presenciarem a violência escolar durante toda a sua vida docente e estimar o que gera essa violência tão crescente nos dias de hoje.

Para tal objetivo foram entrevistados sete professores da Escola Estadual Tancredo Neves, onde foi possível observar a força de vontade destes em transformar essa realidade e ao mesmo tempo a falta de amparo e recursos vindos do estado para enfrentar essas divergências. Verificou-se que essa violência não é gerada de maneira isolada, mas sim por uma série de fatores que exercem influência sobre a vida dos alunos, principalmente os oriundos de áreas periféricas e zonas de conflitos rotineiros. Tendo a escola de estar preparada para lidar com tais situações, porém é sabido que as mesmas não se encontram tão estruturadas para contornar esses problemas.

Contudo, considero que essa pesquisa não encerra a discussão sobre o tema. A violência no contexto escolar é algo que cresce diariamente por diversos fatores que podem ser estudados individualmente, os casos de professores que desenvolvem doenças por conta de conflitos internos são perceptíveis. Enfim é notória a inquietação que não se consolidou com o final desta pesquisa, mas que pelo contrário encontrou novos propulsores para o desenvolvimento de um novo trabalho futuramente.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. S. **Indisciplina na sala de aula:** algumas variáveis de contexto. Revista Portuguesa de Pedagogia, Coimbra, v. 25, n. 1, p. 133-148, 1991.

_____. **Indisciplina na aula:** regras, tarefas e relação pedagógica. Psicologia, educação e cultura, Lisboa, v. 3, nº 1, p. 53-72, 1997.

AG SILVA. **Percepções de professoras e professores sobre a violência que viveram na família e na escola:** Analisando a violência da escola. 2015 - repositorio.unesp.br

AGUIAR, ROSANA MÁRCIA ROLANDO. **Violência na escola e sofrimento psíquico de professores:** uma análise das praticas profissionais, de orientação psicanalística. 2014. 185f.Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília,2014.

AL DE OLIVEIRA. **A homofobia com crianças/as de casais homossexuais em contexto escolar-** editorarealize.com.br.

AVS FERREIRA, MF BRANDÃ. **Reflexão acerca das representações sociais de professores de uma escola pública em relação ao fracasso escolar-** Revista Educação. 2014 - revistadireitobh.estacio.br

C TENREIRO-VIEIRA, R MARQUES VIEIRA. **Didática e formação do professor: contribuições para o ensino e aprendizagem intermediadas pelas tecnologias de formação e comunicação.**Ciência & Educação (Bauru), 2005 - redalyc.org

CAS GARBIN, TJV DE LIMA, AJÍ GARBIN. **Conhecimento e percepção dos educadores do ensino infantil sobre violência** - Revista Ciência. 2015- periodicos.ufrn.br

CS LOPES, JL GASPARIN. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente.** Acta Scientiarum. Humanand Social Sciences, 2008 - ojs.uem.br
D'ANGOLA, Arlete (org.) **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo.** São Paulo: EPU, 1989.

DC DE OLIVEIRA. **Determinantes comportamentais e emocionais do processo ensino-aprendizagem.**Caderno Intersaberes, 2017 - uninter.com

EA SARNOSKI - **Afetividade no processo ensino-aprendizagem.** Revista de Educação de Ideau, 2014 - ideau.com.br

EC BRANDÃO, LD MATIAZI –**Bullying: violência sócio educacional-Desafio permanente.** Pedagogia em Ação, 2017 - periodicos.pucminas.br

EHB DA SILVA, F NEGREIROS – **Marcas da escola: relatos de estudantes de pedagogia vítimas do bullying.** Revista Trama ..., 2013 - editorarevistas.mackenzie.br

J CHAMUSCA CHAGA. **Psicologia escolar e gestão democrática: atuação em escolas públicas de educação infantil** - Psicologia Escolar 2013 - redalyc.org

J MANTOVAN. **A proposta de reorganização de ciclos implantada em 2014 no município de São Paulo: impactos iniciais e reações dos professores.** 2017 - tede.metodista.br

JP GIORDANI, F SEFFNER. **Violência escolar: formas de manifestação e fatores associados- Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.** Psicologia Escolar. 2017 - researchgate.net

JS GUIMARÃES - **Violência Escolar: Estudo exploratório segundo a perspectiva de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.**2015 - bdigital.ufp.pt

LAO GONÇALVES, MP SPOSITO. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil.** Cadernos de pesquisa, 2013 - publicacoes.fcc.org.br

M PEREIRA, MA BARBOSA, R TEIXEIRA, E OLIVEIRA. **Sofrimento psíquico: percepção dos estudantes de medicina e a forma como lidam com a situação- ...**, 2015 - proceedings.ciaiq.org

MA BEHRENS, DG RODRIGUES. **Paradigmas emergentes: um novo desafio.** Pedagogia em Ação, 2015 - 200.229.32.55

MB NASCIMENTO. **Ciclo de debate e formação na EJA: Enfrentamento a violência (Física e moral) na escola.** 2017 - bdm.unb.br

MIS LEME, AM CARVALHO –**Resolução de conflitos por pré-adolescentes e a opinião dos pais e professores.** Boletim de Psicologia, 2014 - pepsic.bvsalud.org

MP DE SALES, CEB DE SOUSA – **A instituição escolar e violência escolar. A manifestação da violência no espaço escolar.**Estação Científica (UNIFAP), 2014 - periodicos.unifap.br

MR PEREIRA, WH SILVEIRA –**Análise do estado da arte em psicanálise e educação no Brasil (1987-2012).** Estilos da Clínica, 2015 - pepsic.bvsalud.org

MSFM Carvalho – **Violência escolar: A percepção dos alunos e professores diante da violência na escola.** 2014 - recil.grupolusofona.pt

ND PATIAS, DG SILVA, DD DELL'AGLIO – **Exposições de adolescentes à violência em diferentes contextos: relações com a saúde mental.** Temas em Psicologia, 2016 - pepsic.bvsalud.org.

P MELLO. **Análise de artigos brasileiros sobre indisciplina, violência e ato infracional na escola:** Base Scielo 1998- 2014. 2015 - repositorio.ufscar.br

REGO, Tereza Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo:** uma análise na perspectiva vygotskyana. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo. Summus, 1996.

RS FATEL. **A afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental.** 2016 - ri.unir.br

SCD SANTOS. **O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”.** REGE Revista de Gestão, 2010 - academia.edu

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina:** Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 2000.

WA DE OLIVEIRA, JL DA SILVA, ACM YOSHINAGA, MAI SILVA **-Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática.** Psico-USF, 2015 - redalyc.org

APÊNDICES



SOCIEDADE EDUCACIONAL VERDE NORTE S/C Ltda
FACULDADE VERDE NORTE - FAVENORTE
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Caro (a) professor (a)

Sou acadêmica do Curso de Pedagogia / FAVENORTE, tendo como orientadora a Profª. Ms. Leonice Viera de Jesus Paixão. Estamos desenvolvendo uma pesquisa acadêmica que tem como propósito investigar o seguinte tema: A violência no contexto escolar. Nesta oportunidade, venho solicitar a V.S.^a contribuição, no sentido de responder algumas perguntas da pesquisa. Apresento neste momento um instrumento de coleta de dados que tem como objetivo geral Compreender os reflexos que a violência no contexto escolar tem provocado nos professores. A sua colaboração e de muita importância, para essa pesquisa. Agradecemos sua participação e colaboração!

ORIENTADORA: Profª.Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão

ACADÊMICA: Camila Antunes Jorge

Roteiro de Entrevista

I- Perfil do participante:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Há quanto tempo trabalha como professor?

() 0 à 5 anos

() 5 à 10 anos

() 10 à 20 anos

() Mais de 20 anos

Formação:

() Graduação em: _____

() Especialização em: _____

() Mestrado

() Outros

Questões temáticas

1. Qual o maior desafio você encontra na sua atuação profissional atualmente?

2. Você já sofreu em algum momento da sua carreira alguma agressão? Se sim, qual e como é passar por isso?

3. A violência no ambiente escolar é fruto apenas da relação professor aluno? Ou existem outros propulsores. Se sim, quais?

4. É comum acontecer dentro do espaço escolar relatos de violências? Quais?

5. Você já se sentiu ameaçado no próprio ambiente escolar? Se sim, por quê?

6. Em sua opinião, o que precisa ser mudado para que esses atos de violência sejam amenizados?

7. De acordo seu ponto de vista, quem é o maior culpado por esses acontecimentos no ambiente escolar?

8. Você acha que as escolas, ao invés de chamarem a polícia e fazerem BO, quando o aluno é agressor, deveriam investir em trabalhos pedagógicos e no apoio psicológico e de assistência social?

9. Você acha que aumentar o policiamento nas escolas ajuda?

10. Você possui algum tipo de ansiedade ou sintomas de depressão, proveniente dos fatores que envolvam violência na escola?

Obrigado por sua participação!